

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

ALANIS CRISTINA DOS SANTOS
GABRIEL BRITO DE SOUZA
GABRIELA AVELINO SIQUEIRA DA SILVA

**ECOS DA RESISTÊNCIA:
Registros do movimento de resistência em Araraquara durante o
Golpe Militar de 1964**

Bauru – SP
2024

ALANIS CRISTINA DOS SANTOS
GABRIEL BRITO DE SOUZA
GABRIELA AVELINO SIQUEIRA DA SILVA

**ECOS DA RESISTÊNCIA:
Registros do movimento de resistência em Araraquara durante o Golpe Militar
de 1964**

Projeto Experimental — Documentário — apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em cumprimento às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental:
Prof^a. Associada Dr^a. Maria Cristina Gobbi

Santos, Alanis Cristina dos. Ecos da resistência : registros do movimento de resistência em Araraquara durante o golpe militar de 1964 / Alanis Cristina dos Santos, Gabriel Brito de Souza, Gabriela Avelino Siqueira da Silva. - Bauru, 2024
77 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo)-Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Maria Cristina Gobbi

1. Ditadura milita 1964-1985. 2. Resistência estudantil. 3. Araraquara. 4. Jornalismo audiovisual. 5. Memória coletiva. I. Souza, Gabriel Brito de. II. Silva, Gabriela Avelino Siqueira da. III. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design.

ALANIS CRISTINA DOS SANTOS
GABRIEL BRITO DE SOUZA
GABRIELA AVELINO SIQUEIRA DA SILVA

ECOS DA RESISTÊNCIA:
Registros do movimento de resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964

Projeto Experimental — Documentário — apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em cumprimento às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora do Projeto Experimental:
Prof.^a. Associada Dr.^a. Maria Cristina Gobbi

Aprovado em: ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof. Ass. Dr.^a. Maria Cristina Gobbi (Orientadora)

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

Prof. Ass. Dr.^o. Mauro de Souza Ventura

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

Prof. Ass. Dr.^o. Maximiliano Martin Vicente

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

*“A chama da
resistência no interior não foi
uma labareda como na capital,
mas ela nunca se apagou”.*

Domingos Carnesecca Netto

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão, primeiramente, à professora Maria Cristina Gobbi, nossa amada orientadora, que nos auxiliou desde o início até a conclusão deste trabalho, compartilhando sua dedicação, sabedoria e observações valiosas para enriquecer cada etapa da construção deste material, tornando-o possível. Bem como, também somos gratos aos professores, Mauro de Souza Ventura e Maximiliano Martin Vicente, membros da banca avaliadora, que não apenas examinaram nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como também apoiaram e contribuíram para nossa evolução durante toda a graduação.

Agradecemos, também, à Universidade Estadual Paulista (Unesp), à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Câmpus de Bauru, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) - Jornalismo, à Central de Laboratórios Didáticos de Informática, ao Laboratório Didático de Televisão e à Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão, do câmpus de Araraquara, que ofereceram suporte técnico essencial para a realização deste documentário. Suas contribuições foram indispensáveis para a execução do projeto, proporcionando infraestrutura e assistência que garantiram a qualidade técnica e acadêmica da produção.

Estendemos também nossos sinceros agradecimentos aos convidados entrevistados, Domingos Carnesecchia Netto, José Murari Bovo e Luiz Armando Garlippe, que gentilmente dispuseram-se a colaborar com a realização do nosso documentário, trazendo seus relatos durante o período ditatorial brasileiro. Cientes de que o tema abordado evoca memórias difíceis e, por vezes, dolorosas de serem revividas, reiteramos nossa gratidão por nos permitirem registrar e compartilhar essas histórias importantes e significativas.

Alanis Cristina dos Santos

Assim como meus pais me ensinaram desde pequena, coloco Deus em primeiro lugar nessa conquista, sendo grata por ter me sustentado até aqui. Foi por Ele e minha fé em Sua palavra que ingressei e hoje saio formada em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista. Obrigada, Abba.

Em segundo lugar, mas não menos importante, agradeço aos meus pais por terem vivido esse sonho comigo. Marcos, meu pai, sempre me ensinou que a educação e o esforço são os melhores caminhos para conquistar o sucesso naquilo que se deseja, mas também me ensinou que, sem humildade e empatia, essa caminhada é praticamente impossível. Já a minha mãe, Alemara ou, como ela prefere ser chamada, Lico, é a minha base e maior incentivadora. Mesmo

distante, ela sempre esteve presente, me motivando e me lembrando de tudo aquilo que, às vezes, pelo cansaço, desânimo ou frustração, acabei esquecendo: aquilo que realmente importa e só nós sabemos. Eu amo vocês!

Não posso deixar de agradecer também duas pessoas importantes na minha vida, que me criaram, me ajudaram a ser quem eu sou hoje, sempre cuidaram de mim com todo amor do mundo e de certa forma me motivaram a ser a primeira formada em uma universidade pública na família. Tia Lucinha e vó Juracy, essa conquista também é de vocês.

Agradeço também aos meus colegas de sala e de trabalho, Gabriela e Gabriel, que me acompanharam nesses cinco anos de graduação, viveram altos e baixos ao meu lado, com direito a risadas, lágrimas e alguns surtos, mas sempre com muito apoio. Chegamos agora à última jornada juntos e posso dizer que sou grata por isso.

Por fim, agradeço a cada um dos meus amigos que me incentivaram e apoiaram nessa jornada, em especial à minha segunda família, República Maracanã. Viver longe de casa é difícil, mas foi muito mais leve tendo vocês ao meu lado.

Gabriel Brito de Souza

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja presença e graça foram o alicerce para que essa conquista fosse possível. Foi por meio da fé em Deus Pai e seu filho Jesus Cristo, as bênçãos dos Orixás e do conforto em meus Guias Espirituais, que enfrentei os desafios e cheguei até aqui. Obrigado, Senhor, por guiar meus passos. Laroyê, Oxalá!

Aos meus pais, minha eterna gratidão. Vocês foram a minha base durante toda essa jornada. Jorge, com suas palavras de sabedoria, sempre me mostrou que a dedicação e a fé são indispensáveis. Neide, minha maior inspiração e porto seguro, sua força e carinho me sustentaram nos momentos mais difíceis. Minha eterna gratidão a vocês, Pai e Mãe. Este diploma é, também, de vocês.

Agradeço ainda à minha irmã, Raquel, que sempre me apoiou incondicional a construir o caminho para essa conquista. Também, em memória, agradeço ao meu irmão, Felipe, que mesmo agora no descanso eterno, comemora conosco, mais esta vitória. Muito obrigado, irmão e irmã, vocês são exemplos que levarei para a vida.

As minhas queridas colegas, autoras deste projeto e parceiras de jornada, seja na alegria ou na tristeza, estiveram comigo ao longo desses anos, compartilho o prazer dessa vitória. Obrigado por cada conversa, apoio e parceria, que tornaram essa trajetória mais leve e significativa.

Também, agradeço as minhas melhores amigas, Beatriz, Gabriela, Giovanna e Maria Júlia, minha segunda família, que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando e celebrando cada vitória. O apoio de vocês sempre me fortaleceu para concluir mais esta etapa da vida.

Por fim, em dedicação especial, sempre serei grato à minha alma gêmea, meu irmão de espírito e companheiro inseparável nesta vida. Pedro, meu caro amigo, não existem palavras o suficiente que expressem o quanto sou grato pelo seu apoio durante todos os momentos que compartilhamos. Muito obrigado por ser parte da minha vida, eu te amo para todo o sempre.

E, a todos que fizeram parte dessa caminhada, meu mais sincero obrigado. Essa vitória é nossa!

Gabriela Avelino Siqueira da Silva

Começo agradecendo a Deus. Ele que é o meu sustento todos os dias, e que por meio da intercessão de minha avó Tereza, tem me guardado e olhado por mim.

Além dela, dedico este trabalho aos meus avós, José, Edna e Roberto. Vocês são os primeiros exemplos que decidi seguir e espero orgulhá-los com a minha trajetória.

Aos meus colegas, autores deste projeto e parceiros ao longo da jornada acadêmica, Alanis e Gabriel, por dividirem as conquistas, angústias, ansiedades e alegrias. Foi um prazer dividir esses anos com vocês.

A minha mãe, Roberta, desde muito cedo me apresentar a importância do conhecimento e por sempre me guiar neste caminho libertador que a educação proporciona.

Ao meu pai, meu maior incentivador, que de forma persistente sempre me exigiu ser a minha melhor versão, em tudo que fosse realizar. Te agradeço por abraçar um dos meus sonhos e tornar ele possível. E em especial, agradeço a Kelly, minha madrastra, por todo cuidado proporcionado mesmo a quilômetros de distância. Essa vitória também é de vocês.

Aos meus irmãos, que compartilham a vida comigo e me levam a ser melhor todos os dias, Davi, Clara e Isaías, vocês são imprescindíveis. Espero ser o exemplo que queiram seguir.

Agradeço a minha amiga, Emanuely, irmã de alma e de fé, com quem tive o prazer de conversar e compartilhar os dias de forma ininterrupta desde minha aprovação no vestibular, até o último minuto dessa graduação. Obrigada por ser o verdadeiro ombro amigo durante minha jornada.

E por fim, agradeço a minha companhia, meu parceiro de vida, noivo e amigo, Gabriel, com quem tive a imensa alegria de dividir os últimos anos. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Sua vinda à Bauru e sua chegada em minha vida fizeram toda diferença.

RESUMO

O videodocumentário jornalístico “Ecos da Resistência: registros da resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964” propõe um registro audiovisual detalhado sobre a resistência democrática em Araraquara durante a Ditadura Militar no Brasil. Este trabalho destaca as contribuições dos estudantes no interior paulista, um aspecto frequentemente negligenciado ou até mesmo esquecido nas narrativas históricas, normalmente centradas em grandes capitais. Por meio de entrevistas, análises históricas e imagens documentais, o documentário visa resgatar a memória de um movimento que ultrapassa as barreiras geográficas e sociais. Além disso, busca reforçar o papel do jornalismo na preservação da memória coletiva e na valorização dos valores democráticos.

Palavras-chave: Ditadura Militar 1964-1985; Resistência Estudantil; Araraquara; Jornalismo Audiovisual; Memória Coletiva.

ABSTRACT

The journalistic video documentary “Echoes of Resistance: records of resistance in Araraquara during the 1964 Military Coup” offers a detailed audiovisual account of democratic resistance in Araraquara during the Military Dictatorship in Brazil. This work highlights the contributions of students in the São Paulo state countryside, an aspect often overlooked or even forgotten in historical narratives, usually focused on major capitals. Through interviews, historical analyses, and documentary images, the documentary aims to rescue the memory of a movement that transcends geographical and social boundaries. Furthermore, it seeks to reinforce the role of journalism in preserving collective memory and valuing democratic principles.

Keywords: Military Dictatorship 1964-1985; Student Resistance; Araraquara; Audiovisual Journalism; Collective Memory

O Projeto Experimental em Documentário “ECOS DA RESISTÊNCIA: Registros do movimento de resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964”, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessado no seguinte link:

<https://youtu.be/jP6ZA1H5kcY>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
3. METODOLOGIA	15
3.1. ETAPAS DE PRODUÇÃO	15
3.2. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL.....	16
3.3. SELEÇÃO DE ENTREVISTADOS	16
3.3.1. Entrevistas	17
3.4. SELEÇÃO E EDIÇÃO.....	18
4. PLANEJAMENTO	18
4.1. PÚBLICO-ALVO	18
4.2. ESTRATÉGIAS DE CIRCULAÇÃO	19
4.3. ORÇAMENTO E VIABILIDADE TÉCNICA.....	19
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL.....	20
5.1. ESTRUTURA NARRATIVA E TEMPO DE DURAÇÃO	20
5.2. RECURSOS TÉCNICOS UTILIZADOS	21
5.3. DIFERENCIAIS DO PROJETO	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, DIGITAIS E FILMOGRAFIA	25
7.1. BIBLIOGRAFIA:	25
7.2. DIGITAIS:	26
7.3. FILMOGRAFIA:	26
8. APÊNDICES.....	27
8.1 ROTEIROS DAS ENTREVISTAS	27
8.2 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO	30
8.3 LAUDA DO DOCUMENTÁRIO.....	34
8.3 CRONOGRAMA.....	62
9. ANEXOS	62
9.1 BANCO DE IMAGENS.....	62

1. INTRODUÇÃO

O Golpe Militar de 1964 é um marco fundamental na história recente do Brasil, responsável por instaurar um regime autoritário que durou mais de 20 anos, período este que, até hoje, gera debates sobre suas consequências para a democracia e as estruturas sociais do país. Apesar da relevância histórica do golpe e das intensas narrativas sobre a repressão e resistência nos grandes centros urbanos, há um aspecto fundamental que permanece muitas vezes marginalizado nas análises: a resistência no interior do Brasil, em cidades menores, longe dos holofotes de Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo autores como Napolitano (2014) e Valle (2014), a resistência no Brasil durante o período da ditadura militar também ganhou força no interior, especialmente através dos movimentos estudantis. As universidades e escolas se tornaram locais de contestação, onde os jovens, apesar das dificuldades, se organizaram para manter viva a luta pela democracia.

Araraquara foi palco de uma verdadeira resistência democrática, com movimentos estudantis que se organizaram, enfrentaram a repressão e lutaram pela preservação da liberdade de expressão e pelos direitos civis em tempos de censura e violência. A escolha da cidade como foco de estudo deste trabalho se justifica pelo desejo de expandir a narrativa da resistência, indo além das grandes metrópoles. É importante destacar que o movimento estudantil e de resistência no interior paulista, muitas vezes à margem das atenções históricas, desempenhou um papel ativo na oposição ao regime militar, com figuras que, embora por vezes esquecidas, foram fundamentais para a preservação da memória democrática. Além disso, a produção de um documentário sobre este tema foi pensada para devolver à sociedade histórias que merecem ser contadas, com a esperança de que essas memórias inspirem as novas gerações a refletirem sobre o valor da liberdade e a importância da resistência contra o autoritarismo.

Portanto, este trabalho tem como objetivo, realizar um registro audiovisual da resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964, destacando as ações de movimentos estudantis e outras formas de oposição ao regime. O documentário visa preencher uma lacuna importante na história, oferecendo uma visão regional da resistência, que ainda é pouco abordada. Além disso, ao realizar entrevistas com participantes dos movimentos, familiares e historiadores, o projeto busca proporcionar uma visão humanizada e profunda de como a repressão se manifestou e de como a resistência foi organizada, mantendo a memória de um momento crucial da história do país.

Os objetivos específicos do documentário são:

- Investigar as origens e o desenvolvimento da oposição ao regime militar, com ênfase nas particularidades da resistência em Araraquara.
- Identificar as formas de organização dos movimentos e das estratégias de resistência adotadas pelos envolvidos.
- Analisar como as histórias de resistência foram ocultadas ou minimizadas pela mídia da época e o impacto dessa narrativa histórica.
- Registrar depoimentos de figuras-chave do movimento, familiares e especialistas, para fortalecer o entendimento do legado da resistência em Araraquara.

A escolha do tema e da abordagem do documentário se alinha a teorias sobre resistência política e memória histórica. O trabalho também se apoia nos estudos de D’Incao (2014), que analisam como a censura e a repressão afetaram a educação e a produção de conhecimento durante o regime militar, evidenciando a importância de iniciativas de resistência no interior.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A resistência ao regime militar brasileiro se manifestou de diversas formas, tanto nos grandes centros urbanos quanto no interior do país. Embora a narrativa oficial tenha enfatizado os acontecimentos em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, cidades do interior paulista, como Araraquara, desempenharam um papel fundamental na construção de um movimento de resistência que transcendeu os limites da repressão do regime. Assim como as histórias das capitais, a trajetória das pequenas cidades na oposição ao golpe também pode contribuir significativamente para a memória histórica do povo brasileiro.

A teoria da memória coletiva de Halbwachs (1990) é essencial para compreendermos como as lembranças de eventos históricos são formadas e perpetuadas. A memória não é um simples registro do passado, mas um processo dinâmico, em que os indivíduos e os grupos sociais revisitam e reinterpretam eventos de acordo com as necessidades do presente. Como Halbwachs (1990) afirma: "A memória coletiva não é apenas um reflexo do passado, mas uma reconstrução social dos eventos, em que o grupo molda as lembranças de acordo com os interesses e valores do presente." No caso da resistência em Araraquara, as histórias muitas vezes foram silenciadas ou distorcidas pela narrativa dominante, mas permanecem vivas através da memória coletiva daqueles que participaram diretamente da luta. Ao mesmo tempo, neste

contexto, o movimento estudantil atuou como um dos principais protagonistas, utilizando a educação como espaço de contestação e organização política contra a ditadura militar.

A partir da análise do movimento estudantil, Della Porta e Diani (2006) oferecem uma perspectiva valiosa sobre como os movimentos sociais se organizam e atuam. Para esses autores, a resistência se configura não apenas como uma oposição ao poder, mas também como uma construção coletiva que envolve redes de solidariedade, organização de base e ações simbólicas. Esses elementos foram centrais na resistência em Araraquara, onde estudantes e ativistas locais utilizaram formas criativas de protesto e mobilização para manter viva a luta pela democracia. Della Porta e Diani (2006) destacam que: "Os movimentos sociais não apenas reagem a um contexto de repressão, mas constroem novas formas de solidariedade e resistência que articulam as demandas sociais de maneira inovadora."

O movimento estudantil, portanto, não deve ser visto apenas como uma resposta à repressão do regime militar, mas como uma força ativa na formação de uma resistência que se baseava na organização, na mobilização e na construção de uma identidade coletiva. Ao longo de sua trajetória, os estudantes enfrentaram o desafio de se organizar em um contexto de vigilância e censura, utilizando as ferramentas à sua disposição.

No que diz respeito ao jornalismo e sua função na preservação da memória histórica, Pinto (2010) e Charaudeau (2006) trazem reflexões sobre como a mídia pode atuar na construção da memória coletiva. Pinto (2010) destaca que o jornalismo, ao lidar com eventos traumáticos como os de uma ditadura, não é apenas um repositório de fatos, mas também um construtor de sentido para o público. Pinto (2010) afirma: "O jornalismo não apenas reporta a história, mas também a constrói, dando-lhe forma e significado, e, ao fazê-lo, influencia a maneira como o público entende os eventos." O jornalismo de resistência, nesse caso, não só documenta os eventos, mas também participa ativamente da construção de uma narrativa alternativa à oficial.

A análise de Bardin (2011) sobre análise de conteúdo também é crucial, pois nos permite organizar e interpretar os depoimentos, identificando temas e narrativas que emergem das falas dos entrevistados. Bardin (2011) explica: "A análise de conteúdo visa extrair, de maneira sistemática, os sentidos e significados implícitos nas falas e expressões dos entrevistados, organizando-os de acordo com categorias e temas recorrentes." Já Charaudeau (2006), ao estudar o discurso do jornalismo, sugere que a forma como a mídia constrói suas narrativas tem um impacto significativo na maneira como a história é lembrada ou esquecida. Como ele observa: "O discurso jornalístico é sempre seletivo e, ao escolher o que deve ser contado e como deve ser contado, ele contribui para a construção de uma determinada visão da realidade."

Além disso, a escolha do formato documentário se apresenta como uma ferramenta essencial para preservação da memória, dado o seu poder de conectar o espectador com a realidade vivida pelos sujeitos históricos. O trabalho de MacDougall (1998), ao discutir o documentário como uma prática etnográfica, evidencia como o cinema e o documentário conseguem capturar as experiências sensoriais e emocionais dos entrevistados, tornando-se um veículo fundamental para transmitir as complexidades da resistência, não apenas em termos intelectuais, mas também ao nível afetivo e sensorial. MacDougall (1998) afirma: "O documentário, como prática etnográfica, é capaz de captar as dimensões sensoriais e emocionais da experiência humana, criando uma conexão profunda entre o espectador e a realidade vivida pelos entrevistados."

Por fim, Aufderheide (2007), em sua análise do documentário, argumenta que esta forma de mídia tem uma responsabilidade única: ser um testemunho das realidades vividas e uma representação fiel dos acontecimentos históricos. Ela observa que "O documentário tem a função de ser um testemunho da realidade, oferecendo uma visão que seja, ao mesmo tempo, precisa e profundamente humanizada, permitindo que o espectador experimente a realidade de forma direta e imersiva." Essa ideia é fundamental para entender como o documentário pode servir como um meio de resistência por si só, ao desafiar as narrativas dominantes e oferecer uma plataforma para as vozes daqueles que foram silenciados.

3. METODOLOGIA

3.1. ETAPAS DE PRODUÇÃO

A metodologia do documentário foi estruturada em três etapas principais:

- Pré-produção: estudo teórico documental, levantamento e planejamento logístico para a etapa entrevista como locações, equipamentos para locação e cronograma de gravações.
- Produção: entrevistas dos personagens selecionados para narrar factualmente e pessoalmente o tema usando equipamentos específicos de filmagem para captura de som e imagem com boa qualidade. Realizamos também a captação e coleta de acervo de apoio, como documentos e fotos que também foram disponibilizados pelos entrevistados, além de uma roteirização eliminatória para os roteiros aprimorados de acordo com novas informações que foram sendo colhidas durante as gravações.

- Pós-produção: seleção e edição das imagens capturadas, com foco em criar uma narrativa fluida e envolvente, inclusão de sons, trilha sonora, imagens em off e narrações que complementam o conteúdo visual e reforçam o impacto emocional do documentário e, por fim, uma revisão final para garantir que o produto atendesse aos objetivos estabelecidos, tanto em termos de conteúdo quanto de qualidade técnica.

3.2. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

A metodologia foi estruturada em etapas que visaram garantir uma abordagem precisa, tanto na pesquisa teórica quanto na produção prática. A pesquisa inicial foi guiada por nossa orientadora, que indicou livros, artigos de pesquisa, imagens históricas e outras fontes sobre a ditadura militar e, também, por obras sobre produção documental apresentadas durante a disciplina referente a esse formato no curso. Complementamos essas indicações com pesquisas independentes, selecionando autores relevantes ao tema, como Pinto (2010) e Bardin (2011).

Fomos particularmente atentos a escolher fontes que vissem criticamente de temas brutos daquele período, como o material de Napolitano (2014) e Valle (2014), trabalhos que abordam temas como a repressão e a resistência durante a ditadura militar. Além disso, também buscamos fontes locais e regionais, tais como arquivos históricos e publicações jornalísticas sobre as atividades políticas e sociais da cidade, bem como as atividades dos movimentos estudantis e a radiação de resistência. Esses materiais foram decisivos para a escolha dos personagens principais de nosso projeto e situações históricas que poderiam ser contextualizadas.

3.3. SELEÇÃO DE ENTREVISTADOS

Os entrevistados foram escolhidos com base em suas participações diretas na resistência ou por serem familiares de vítimas da repressão, capazes de relatar vivências que contribuíssem para a construção da memória coletiva. A seleção iniciou-se a partir de referências obtidas em nossa pesquisa bibliográfica e documental. Posteriormente, o contato inicial foi facilitado pelo jornalista e publicitário local Ivan Roberto Dameto Peroni, que havia publicado uma matéria

em seu portal de notícias intitulada "Araraquara e a Revolução de 31 de março de 1964. A nossa cidade era assim, 60 anos atrás."

O jornalista ajudou a estabelecer o contato com Domingos Carnesecca Netto, um dos principais entrevistados, que por sua vez auxiliou na conexão com outros militantes, acadêmicos, policiais e familiares de vítimas. Após esse primeiro contato, enviamos convites aos possíveis participantes, explicando o propósito do documentário e a importância de seus depoimentos. Uma conversa preliminar foi realizada com cada entrevistado para alinhar expectativas, recolher informações e entender suas limitações ou necessidades.

Adaptações no roteiro de perguntas foram feitas para que os depoimentos refletissem as experiências pessoais de forma autêntica e respeitosa. Por questões logísticas, optamos por realizar as entrevistas em salas do campus da UNESP Araraquara, descartando inicialmente a ideia de filmagens em cenários simbólicos devido às restrições de deslocamento e agenda.

3.3.1. Entrevistas

Como foi descrito anteriormente, o objetivo inicial do documentário "Ecos da Resistência" era explorar em profundidade as histórias de resistência no interior paulista, complementando os relatos com a visão daqueles araraquarenses que viveram aquele infeliz período. Durante o processo, enfrentamos desafios para garantir a participação de algumas fontes previamente planejadas. Diante disso, reunimos rapidamente a equipe de produção para ajustar o roteiro, reformulando algumas abordagens e priorizando as entrevistas com as fontes que se dispuseram a contribuir com o projeto, o que permitiu manter a essência do documentário e enriquecer sua narrativa.

Quadro 1 – Cronograma de entrevistas realizadas

ENTREVISTADO	DATA	HORÁRIO	LOCAL
Domingos Carnesecca Netto	15/08/2024	15h – 18h	Unesp – Câmpus Araraquara
José Murari Bovo	30/08/2024	15h – 18h	Unesp – Câmpus Araraquara
Domingos Carnesecca Netto	04/10/2024	16h – 18h	Unesp – Câmpus Araraquara
Luiz Armando Garlippe	17/10/2024	16h – 18h	Unesp – Câmpus Araraquara

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

3.4. SELEÇÃO E EDIÇÃO

A etapa de seleção e edição representou um ponto central no processo de produção do documentário “Ecos da Resistência”. Após a captura das imagens e a gravação dos depoimentos, foi realizada uma triagem rigorosa do material bruto, buscando identificar os trechos mais relevantes e significativos para a construção da narrativa. O conteúdo foi devidamente catalogado e organizado em categorias, como depoimentos, imagens de apoio e registros de locações históricas, assegurando alinhamento com a proposta inicial do projeto. A seleção priorizou trechos que oferecessem maior profundidade histórica e emocional, destacando as vivências pessoais dos entrevistados e o impacto social dos movimentos estudantis no interior paulista. Imagens históricas e documentos de arquivo foram integrados estrategicamente para contextualizar os relatos e estabelecer conexões visuais entre o passado e o presente.

A montagem seguiu uma linha narrativa cuidadosamente planejada, combinando depoimentos e imagens de forma coesa e cronologicamente estruturada, sem perder de vista o apelo emocional. Para acentuar o impacto da narrativa, foram incorporados elementos sonoros, como uma trilha sonora escolhida com critério e sons ambientais — incluindo ruídos de manifestações e cânticos estudantis — que contribuiriam para a imersão do espectador. O processo foi concluído com uma revisão técnica detalhada, englobando ajustes de áudio, correções de cor e transições visuais, assegurando a qualidade técnica e estética do documentário. Assim, a etapa de pós-produção consolidou-se como essencial para transformar o material bruto em uma obra coesa e impactante, alinhada aos objetivos do projeto.

4. PLANEJAMENTO

4.1. PÚBLICO-ALVO

O documentário “Ecos da Resistência: registros da resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964” visa um público variado e é composto principalmente por:

- Estudantes e pesquisadores de História, Comunicação e Ciências Sociais, buscando ampliar os relatos sobre o período da Ditadura Militar.
- Cidadãos de Araraquara e entorno, de qualquer forma indireta ou direta, afetados pela história retratada.
- Profissionais da imprensa e educadores que englobam o conceito e a possibilidade de aplicar o documentário em trabalho que seja uma reflexão em torno da memória histórica e resistência democrática.
- Público em geral, especialmente jovens, buscando refletirem em relação aos efeitos do autoritarismo e deste período de nossa história, além da preservação da democracia e da memória.

4.2. ESTRATÉGIAS DE CIRCULAÇÃO

Como estratégia de visibilidade pós-produção, buscamos, principalmente, exibir o produto em eventos acadêmicos e culturais, como, por exemplo, universidades, cineclubes e espaços culturais de Araraquara e demais cidades.

Além disso, o documentário pode ser postado nas redes, como TikTok e Instagram, principalmente na forma de trailer, para captar o público e levá-los a consumir o produto final no YouTube, onde será oficialmente exibido. Este acesso será totalmente gratuito e amplo. Para divulgação, serão utilizadas postagens de estreia no Instagram, Facebook e Twitter/X que destacariam trechos do documentário, citações de depoimento e curiosidades sobre o processo de produção.

E por fim, será possível desenvolver parcerias com instituições de ensino: a oferta do projeto em escolas e universidades e discussão na sala de aula. Este tipo de divulgação é de interesse principalmente das instituições de ensino localizadas no interior paulista, mas não somente a elas.

4.3. ORÇAMENTO E VIABILIDADE TÉCNICA

O projeto foi desenvolvido utilizando recursos disponibilizados pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), o que inclui o acesso a equipamentos audiovisuais.

- A viabilidade técnica, quanto o orçamento do projeto, considerou:
- Equipamentos - Empréstimo: Câmeras e tripés, todos fornecidos pela universidade.
 - Equipamentos – Próprio: Cartões de memória e microfones, adquiridos pelo grupo.
 - Deslocamento: Custos com transporte para locações em Araraquara, através de caronas, ônibus e transporte por aplicativo.
 - Alimentação: Custos com as refeições dos integrantes do grupo nos dias de filmagem, bem como, com a compra de água engarrafada para os entrevistados.
 - Pós-produção: Uso de softwares de edição de vídeo e áudio, como Adobe Premiere, disponibilizados por meio de licenças institucionais.
 - Divulgação: Produção de materiais promocionais para o futuro lançamento ao público.
- A viabilidade técnica foi garantida pela infraestrutura oferecida pela Unesp, além do comprometimento da equipe em otimizar recursos disponíveis.

Para as gravações, o grupo precisou realizar viagens de Bauru para Araraquara. Logo, os custos da produção se dividiram entre alimentação, equipamentos e transporte, que ficaram distribuídos da seguinte maneira:

Quadro 2 - Custos de produção

DETALHAMENTO	VALORES
Passagens de Ônibus/Combustível	R\$ 353,00
Uber/Táxi/Ônibus Circular	R\$ 128,00
Alimentação	R\$ 204,00
Equipamentos	R\$ 296,00
Total de Gastos	R\$ 981,00

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL

5.1. ESTRUTURA NARRATIVA E TEMPO DE DURAÇÃO

O documentário “Ecos da Resistência: registros da resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964” foi estruturado em formato cronológico. As entrevistas são organizadas em ordem cronológica para que a narrativa aconteça de forma fluida.

Dividido em três atos principais, o produto audiovisual apresenta primeiramente uma introdução ao contexto histórico. Redigimos uma explicação sobre o Golpe de 1964 e o início

da Ditadura Militar, destacando os impactos na democracia e logo após, é feita uma breve introdução aos três entrevistados que irão compor a produção.

Seguimos com os depoimentos dos personagens locais, com destaque para as estratégias utilizadas pelos movimentos estudantis e as dificuldades enfrentadas. Além disso, mostramos a trajetória de uma das personagens (Luísa Augusta Garlippe, conhecida como Tuta pelos familiares, mas na militância como Tuca) que não necessariamente atuou em Araraquara, mas que deixou a cidade para participar da Guerrilha do Araguaia.

Para encerrar o documentário, as personagens apresentam uma discussão sobre a importância de preservar a memória da resistência durante o período ditatorial e deixam uma mensagem para as futuras gerações na luta pela democracia.

A duração prevista para o documentário foi de 20 a 30 minutos, sendo a versão final para apresentação de 29 minutos e 15 segundos, assim, garantindo um formato ágil e acessível sem comprometer a profundidade dos conteúdos apresentados.

5.2. RECURSOS TÉCNICOS UTILIZADOS

Para alcançar um resultado de alta qualidade, foram utilizados os seguintes recursos técnicos:

- Captação de imagens: Filmagem em alta definição (HD), com uso de câmeras modelo Panasonic HC-X2000E para registrar os depoimentos das personagens.
- Captação de áudio: Microfones direcionais para entrevistas, assegurando clareza e fidelidade sonora.
- Edição de vídeo e áudio: Utilização de softwares como Adobe Premiere para montagem, edição e finalização do documentário.
- Imagens de arquivo: Inclusão de fotografias e vídeos históricos da época da Ditadura Militar, obtidos por meio de pesquisa documental. Além disso, foram usados documentos e imagens fornecidos pelos entrevistados.
- Trilha sonora: Seleção de músicas instrumentais que reforçam o tom reflexivo e histórico do documentário, e que foram importantes símbolos de resistência cultural.

5.3. DIFERENCIAIS DO PROJETO

O documentário se destaca principalmente pela perspectiva regional. O enfoque único na resistência em Araraquara, contribui para ampliar as narrativas sobre o período da Ditadura Militar, descentralizado das capitais.

Além disso, há o protagonismo das vozes locais que visa a valorização das histórias e memórias de pessoas que viveram os acontecimentos, muitas vezes invisibilizadas pela historiografia tradicional.

Destacamos também a abordagem jornalística e educativa. Ao combinarmos o rigor jornalístico a uma narrativa acessível, conseguimos resultar em uma linguagem de fácil consumo e adequada para ser utilizada como material pedagógico e de conscientização.

Por fim, temos a conexão emocional, pois a narrativa criada humaniza os personagens e acontecimentos e os conecta ao espectador, reforçando a relevância histórica dos eventos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário "Ecos da Resistência: registros do movimento estudantil no interior paulista durante o Golpe Militar de 1964" representa uma contribuição significativa para a preservação da memória histórica e para o entendimento do papel dos movimentos de resistência durante a Ditadura Militar na luta pela democracia no Brasil. Ao longo das etapas de produção, constatamos a importância de revisitar as páginas da nossa história, dando voz àqueles que, com coragem e determinação, resistiram em um dos períodos mais sombrios do Brasil. Este projeto não apenas reafirma a relevância do jornalismo como guardião da memória coletiva, mas também destaca seu papel na promoção de debates essenciais sobre democracia, direitos humanos e identidade cultural.

A fundamentação teórica foi a etapa primordial para o desenvolvimento deste produto audiovisual. Por meio de obras como as de Napolitano (2014), Valle (2014) e Vieira (2014), exploramos as nuances do período ditatorial e a forma como a repressão impactou diversas camadas da sociedade, especialmente o movimento estudantil. Essas referências nos permitiram compreender a complexidade do tema e estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, enriquecendo a narrativa do documentário com uma perspectiva crítica e contextualizada.

A fase de pesquisa e apuração foi igualmente determinante. Com o objetivo de retratar as vivências dos militantes no interior paulista, nos concentramos em Araraquara, no objetivo de registrar como figuras políticas deste município desempenharam papéis importantes na resistência ao regime militar. Entrevistamos historiadores, jornalistas, familiares de militantes e, principalmente, ex-estudantes que participaram diretamente dos movimentos. Nomes como Domingos Carnesecchia Netto, José Murari Bovo e Luiz Armando Garlippe trouxeram depoimentos que não apenas humanizaram a narrativa, mas também resgataram histórias que, muitas vezes, permanecem à margem dos registros oficiais.

O contato com os entrevistados foi cuidadosamente planejado, refletindo o compromisso ético e profissional indispensável ao jornalismo. Desde os primeiros e-mails e telefonemas, ficou evidente a necessidade de construir uma relação de confiança e respeito com cada fonte. Muitos dos entrevistados compartilharam memórias dolorosas, repletas de marcas deixadas pela repressão. Nosso desafio, enquanto produtores e jornalistas, foi garantir que essas histórias fossem contadas com a sensibilidade que merecem.

No aspecto técnico, o documentário beneficiou-se de uma estrutura bem planejada e dos recursos disponíveis na Universidade Estadual Paulista (Unesp). A escolha da Panasonic HC-X2000E como câmera principal possibilitou capturas de alta qualidade, complementando a narrativa visual com imagens nítidas e detalhadas. O uso de técnicas de estabilização e ajustes de iluminação durante as gravações foi essencial para garantir uma estética profissional, mesmo em locais menos favoráveis. Durante a edição, priorizamos uma montagem que respeitasse a cronologia histórica dos acontecimentos, intercalando depoimentos emocionantes com imagens de arquivo e trilha sonora cuidadosamente escolhida para reforçar o tom reflexivo do documentário.

Ao longo do processo, também enfrentamos desafios logísticos, como a necessidade de realizar gravações em diferentes cidades. Esses obstáculos, contudo, foram superados com planejamento, colaboração em equipe e o apoio técnico da Unesp. Cada etapa foi documentada com rigor acadêmico, permitindo não apenas a realização do documentário, mas também a produção de um relatório detalhado que servirá como referência para futuros projetos.

Concluir este projeto nos traz a certeza de que contar histórias como as de "Ecos da Resistência" é uma tarefa urgente e indispensável. Em tempos em que discursos autoritários encontram eco em diferentes esferas da sociedade, lembrar a luta de estudantes, professores e cidadãos comuns pela democracia é um ato de resistência. O documentário não se limita a relatar o passado; ele busca inspirar o presente e o futuro, estimulando reflexões sobre os valores que fundamentam uma sociedade justa e igualitária.

Por fim, "Ecos da Resistência" representa não apenas um trabalho acadêmico, mas um compromisso com a memória coletiva e a responsabilidade social. O aprendizado adquirido durante sua produção vai além das técnicas jornalísticas e audiovisuais, estendendo-se para o campo ético, humano e político. Esperamos que esta obra alcance um público amplo, despertando consciência crítica e contribuindo para que as vozes da resistência nunca sejam esquecidas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, DIGITAIS E FILMOGRAFIA

7.1. BIBLIOGRAFIA:

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Direitos humanos, educação e participação popular: 50 anos do Golpe Militar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello; CORRÊA, Anna Maria Martinez; FERREIRA, Antonio Celso; VALLE, Maria Ribeiro do. **Tenho algo a dizer: memórias da Unesp na ditadura civil-militar (1964-1985)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

GOULART, Jefferson Oliveira; LOSNAK, Célio José; LUVIZOTTO, Caroline Kraus; NAPOLITANO, Carlos José. **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo. **Web-documentário – Uma ferramenta pedagógica para o mundo contemporâneo**. Orientador: Celso Bodstein. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo) – Campus I, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2002.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. **A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações**. Rumores, v. 4, n. 8, 6 dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>>. Acesso em: 12 abril 2024.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos**. Contemporânea | comunicação e cultura, v. 11, n. 1, p. 161–181, 27 ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980/6087>>. Acesso em: 3 maio 2024.

PUCCINI, Sérgio. **Introdução ao Roteiro de Documentário**. Doc On-line, n. 06, pp. 173–190. Agosto 2009. ****Considerações sobre o roteiro de documentário****. Revista Científica/FAP, v. 6, n. 1, 1 dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1550>>. Acesso em: 9 abril 2024.

VALLE, Maria Ribeiro do (org.). **1964-2014: Golpe Militar, História e Direitos Humanos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

VICENTINI, Beatriz Helena (org.). **Piracicaba, 1964: o golpe militar no interior**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2014.

VIEIRA, Rosangela de Lima (org.). **Ecoss da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 2011.

PINTO, Francisco. **Jornalismo e memória: Teorias, práticas e sentidos**. Editora Sulina, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **O Discurso do Jornalismo**. Edições Loyola, 2006.

MACDOUGALL, David. **The Corporeal Image: Film, Ethnography, and the Senses**. Princeton University Press, 1998.

AUFDERHEIDE, Patricia. **Documentary Film: A Very Short Introduction**. Oxford University Press, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora da Unicamp, 1990.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. **Movimentos sociais: uma introdução**. Editora Unesp, 2006.

MAIA, Iano Flávio de Souza; SIQUEIRA E DANTAS, Renata Coimbra; SAVIGNANO, Verónica María. **Guerrilheiras do Araguaia: os caminhos de quatro jovens militantes**. Projeto Experimental: modalidade livro-reportagem; Orientador: Bruno Fuser. Monografia (conclusão de curso) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. Campinas: Puc-Campinas, 2004. 312 p.

7.2. DIGITAIS:

BIBLIOTECA DIGITAL DO ARQUIVO NACIONAL. Disponível em: <<https://bdan.an.gov.br/home>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. Disponível em: <<https://memorialdademocracia.com.br/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

7.3. FILMOGRAFIA:

UNICAMP, Secretaria Executiva de Comunicação. **Arqueologia no DOI-Codi: rompendo o silêncio**, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/It9SeMZxtQA>>. Acesso em: 24 março 2024.

TAVARES, Camilo Galli. **O dia que durou 21 anos**, 2011. Disponível em: <<https://www.curtaon.com.br/series/o-dia-que-durou-21-anos>>. Acesso em: 23 março 2024.

TENDLER, Silvio. **Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil (Parte 1)**, 2007. Disponível em: <<https://youtu.be/S1CWdnWYkow>>. Acesso em: 28 abril 2024.

TENDLER, Silvio. **Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil (Parte 2)**, 2007. Disponível em: <<https://youtu.be/QAJAbnAuTvw>>. Acesso em: 28 abril 2024.

8. APÊNDICES

8.1 ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

Objetivo da entrevista com Domingos Carnesecca:

- Perguntas abordando sua experiência no movimento estudantil.
- Como as estratégias de resistência foram organizadas na época.
- Reflexões sobre o impacto do movimento estudantil no combate à ditadura.

Objetivo da entrevista com José Murari Bovo:

- Descrição do contexto político de Araraquara durante a ditadura.
- Memórias pessoais de resistência e participação nos movimentos.
- Visão sobre o legado desses movimentos para a sociedade atual.

Objetivo da entrevista com Luiz Armando Garlippe:

- Relato de memórias sobre Luísa/Tuta/Tuca, símbolo da resistência.
- Dinâmicas familiares e sociais durante o período de repressão.
- Importância de preservar essas histórias no presente.

Os roteiros completos das entrevistas estão disponíveis abaixo, contendo perguntas específicas direcionadas para cada entrevistado, com base no contexto e nas informações levantadas previamente.

Domingos Carnesecca Neto:

- Como e quando você começou a se envolver com o movimento estudantil durante a Ditadura?
- Antes de vir estudar em Araraquara, você estudou em São Carlos. Já tinha participação com a militância e resistência desde lá?
- Como era sua rotina como estudante de Economia na Unesp durante a ditadura?
- Pode descrever o ambiente político de Araraquara durante os anos de ditadura? E como era esse ambiente na universidade (Unesp)?
- Você participou de algum ato ou manifestação estudantil entre 1964 e 1985?
- Você pode descrever como eram organizados os atos e manifestações estudantis em que participou?
- Quais estratégias o movimento estudantil usava para enfrentar a repressão?
- Como a Unesp foi utilizada como um espaço de resistência?
- Quais eram os principais desafios enfrentados pelos estudantes que queriam se organizar politicamente?
- Como você e seus colegas lidavam com a vigilância e a repressão dentro da universidade?
- Você ou algum colega próximo foi preso, ou perseguido diretamente pela polícia, ou órgãos de repressão do regime?

- Qual foi o evento que mais impactou você como ativista estudantil naquela época?
- O movimento estudantil tinha conexões ou apoio de outros movimentos sociais, ou partidos políticos?
- Como surgiu a ideia de se envolver na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT)? Araraquara ou a Unesp desempenharam algum papel nessa escolha?
- Como foi o processo de fundação do Diretório Acadêmico "José Arantes" na Unesp?
- Há alguma história ou memória que gostaria de destacar sobre sua participação no movimento estudantil ou na fundação do PT?
- Há alguma experiência específica durante seus anos de universidade que você considera um ponto de virada para seu ativismo?
- Como a ditadura influenciou suas escolhas pessoais e profissionais durante a universidade?
- Como foi feito o processo de documentação realizado no DOPS dos jovens da cidade que foram mortos durante a ditadura?
- Dentre as vítimas documentadas, alguma era próxima a você ou tem alguma história que marcou particularmente?
- Como foi o processo de transição da ditadura para a democracia em Araraquara?
- Como você vê os reflexos do período da ditadura nos dias atuais e no cenário político atual?
- O que você diria aos jovens de hoje que estão engajados em movimentos pela democracia?
- Como você avalia a importância da preservação da memória histórica dos movimentos de resistência?
- Existem documentos ou arquivos da época que você considera cruciais para entender a história de Araraquara durante a ditadura?
- Como a comunidade de Araraquara reagiu às suas iniciativas de documentar e preservar a história local da resistência?
- Você enfrentou desafios legais ou políticos ao acessar arquivos do período da ditadura?
- Como você acha que a história dos movimentos de resistência em Araraquara pode inspirar as gerações futuras?
- Existe algum aspecto da sua jornada política que você gostaria que fosse mais conhecido ou compreendido?
- Por fim, olhando para trás, há algo que você faria diferente em sua trajetória de ativismo e política?

José Murari Bovo:

- Como e quando você começou a se envolver com o movimento estudantil durante a Ditadura?
- Antes de vir estudar em Araraquara, você estudou em Jaboticabal. Já tinha participação com a militância e resistência desde lá?
- Como era sua rotina como estudante da Unesp durante a ditadura?
- Pode descrever o ambiente político de Araraquara durante os anos de ditadura? E como era esse ambiente na universidade (Unesp)?

- Poderia nos contar um pouco sobre a sua participação no congresso da UNE em Ibiúna?
- Você pode descrever como eram organizados os atos e manifestações estudantis em que participou?
- Quais estratégias o movimento estudantil usava para enfrentar a repressão? Você era um dos apoiadores da resistência armada?
- Como a Unesp foi utilizada como um espaço de resistência?
- Quais eram os principais desafios enfrentados pelos estudantes que queriam se organizar politicamente?
- Como você e seus colegas lidavam com a vigilância e a repressão dentro da universidade?
- Você ou algum colega próximo foi preso, ou perseguido diretamente pela polícia, ou órgãos de repressão do regime?
- Qual foi o evento que mais impactou você como ativista estudantil naquela época?
- O movimento estudantil tinha conexões ou apoio de outros movimentos sociais, ou partidos políticos?
- Como foi para você o período pós AI-5 e de que forma este momento do regime afetou os próximos anos de sua vida.
- Há alguma experiência específica durante seus anos de universidade que você considera um ponto de virada para seu ativismo?
- Como a ditadura influenciou suas escolhas pessoais e profissionais durante a universidade?
- Como foi o processo de transição da ditadura para a democracia em Araraquara?
- Como você vê os reflexos do período da ditadura nos dias atuais e no cenário político atual?
- O que você diria aos jovens de hoje que estão engajados em movimentos pela democracia?
- Como você avalia a importância da preservação da memória histórica dos movimentos de resistência?
- Existem documentos ou arquivos da época que você considera cruciais para entender a história de Araraquara durante a ditadura?
- Como você acha que a história dos movimentos de resistência em Araraquara pode inspirar as gerações futuras?
- Existe algum aspecto da sua jornada política que você gostaria que fosse mais conhecido ou compreendido?
- Por fim, olhando para trás, há algo que você faria diferente em sua trajetória de ativismo e política?

Luiz Armando Garlippe:

- Como você descreveria sua tia, Luísa Garlippe, em termos pessoais? Como ela era com a família?
- Quando foi a última vez que sua família teve contato direto com Tuca?
- Como e quando começaram a descobrir o envolvimento dela na Guerrilha do Araguaia?
- Como foi o impacto de ter uma pessoa tão envolvida na luta armada contra a ditadura em sua família?

- Sua família enfrentou repressão e/ou vigilância por parte do regime devido ao envolvimento de Tuca na resistência? Como isso afetou o dia a dia da sua família?
- O que sua família sabia sobre as atividades de Tuca durante sua luta no Araguaia? Ela compartilhava algo ou havia muito sigilo?
- Quais são as memórias mais fortes ou histórias que você ouviu da sua família sobre a luta de Tuca?
- Como você se sentiu ao longo dos anos, ao ver a história da sua tia sendo reconhecida em espaços públicos e em investigações como as da Comissão da Verdade?
- Em 2006, o Major Curió confessou a execução de Tuca. Como foi para a família lidar com essa confirmação?
- Você sente que a luta e a história de Tuca têm sido adequadamente contadas nas discussões sobre a Guerrilha do Araguaia e a ditadura militar? O que ainda precisa ser dito ou lembrado?
- Qual é o legado que você acredita que sua tia deixou para a história de Araraquara e para a resistência contra a ditadura no Brasil?
- Como você acredita que a resistência da sua tia influenciou a forma como você ou sua família enxergam a política e a democracia hoje?
- O que você acha que sua tia diria sobre o Brasil hoje, em relação à memória da ditadura e às questões democráticas?
- Se Tuca pudesse deixar uma mensagem para as gerações atuais sobre resistência e democracia, o que você acredita que ela diria?

8.2 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

O termo de autorização de uso de imagem e voz para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de graduação em Jornalismo, intitulado “Ecos da Resistência”, está incluído como parte integrante deste relatório. Esse documento formaliza a permissão dos entrevistados para a utilização de suas imagens e falas no desenvolvimento do projeto, assegurando o cumprimento das normas éticas e legais aplicáveis.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Eu, DOMINGOS CARNESECCA NETO, portador da Cédula de Identidade nº [REDACTED], CPF nº [REDACTED], residente à Rua [REDACTED], nº [REDACTED], na cidade de ARARAQUARA/SP, declaro ter mais de 18 anos e AUTORIZO o uso de minha imagem (em fotos, vídeos ou filmes) e voz, sem finalidade comercial, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Jornalismo, da(o) estudante: [REDACTED], da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC).

O TCC, de natureza prático-editorial de aplicação em Jornalismo, também denominado de Projeto Experimental (PEs), resulta no desenvolvimento de um produto jornalístico textual, audiovisual, imagético, assessoria ou transmidiático, elaborado em suporte impresso e/ou digital.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, nas seguintes categorias: (I) *Jornalismo Textual, Jornalismo Sonoro, Jornalismo Audiovisual, Jornalismo Imagético, Assessoria de Imprensa e Comunicação e Jornalismo on-line*; (II) Pode originar produtos como: home page, blog, site, livro e seus formatos, podcast, vídeo, documentários, jornal e/ou revista (impressa ou digital), reportagens multimídia etc.; (III) Pode ser divulgado de forma impressa e digitais, em canais como: youtube; instagram, Tik-Tok, entre outros, incluindo a atividade de Defesa do Trabalho Final. Por ser esta a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Bauru, 14 de AGOSTO de 2024.

[REDACTED]

Assinatura

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Eu, João Muriel Bovo, portador da Cédula de Identidade nº [REDACTED], CPF nº [REDACTED], residente à Rua [REDACTED], nº [REDACTED], na cidade de Araraquara, declaro ter mais de 18 anos e AUTORIZO o uso de minha imagem (em fotos, vídeos ou filmes) e voz, sem finalidade comercial, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Jornalismo, da(o) estudante: [REDACTED], da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC).

O TCC, de natureza prático-editorial de aplicação em Jornalismo, também denominado de Projeto Experimental (PEs), resulta no desenvolvimento de um produto jornalístico textual, audiovisual, imagético, assessoria ou transmidiático, elaborado em suporte impresso e/ou digital.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, nas seguintes categorias: (I) *Jornalismo Textual, Jornalismo Sonoro, Jornalismo Audiovisual, Jornalismo Imagético, Assessoria de Imprensa e Comunicação e Jornalismo on-line*; (II) Pode originar produtos como: home page, blog, site, livro e seus formatos, podcast, vídeo, documentários, jornal e/ou revista (impressa ou digital), reportagens multimídia etc.; (III) Pode ser divulgado de forma impressa e digitais, em canais como: youtube; instagran, Tik-Tok, entre outros, incluindo a atividade de Defesa do Trabalho Final. Por ser esta a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Bauru, 30 de ago de 2024.

[REDACTED]
Assinatura

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Eu, LUIZ ARMANDO GARLIPPE, portador da Cédula de Identidade nº [REDACTED], CPF nº [REDACTED], residente à Rua [REDACTED], nº [REDACTED] na cidade de ARARAQUARA, declaro ter mais de 18 anos e AUTORIZO o uso de minha imagem (em fotos, vídeos ou filmes) e voz, sem finalidade comercial, no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Jornalismo, da(o) estudante: [REDACTED], da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC).

O TCC, de natureza prático-editorial de aplicação em Jornalismo, também denominado de Projeto Experimental (PEs), resulta no desenvolvimento de um produto jornalístico textual, audiovisual, imagético, assessoria ou transmidiático, elaborado em suporte impresso e/ou digital.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, nas seguintes categorias: (I) *Jornalismo Textual, Jornalismo Sonoro, Jornalismo Audiovisual, Jornalismo Imagético, Assessoria de Imprensa e Comunicação e Jornalismo on-line*; (II) Pode originar produtos como: home page, blog, site, livro e seus formatos, podcast, vídeo, documentários, jornal e/ou revista (impressa ou digital), reportagens multimídia etc.; (III) Pode ser divulgado de forma impressa e digitais, em canais como: youtube; instagran, Tik-Tok, entre outros, incluindo a atividade de Defesa do Trabalho Final. Por ser esta a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Bauru, 17 de OUTUBRO de 2024.

[REDACTED]

Assinatura

8.3 LAUDA DO DOCUMENTÁRIO

A lauda oficial do documentário “Ecos da Resistência” está incluída como parte integrante deste relatório, descrevendo detalhadamente as falas, cenas e intervenções narrativas. Ela orientou a edição e montagem do material, garantindo a coesão entre os depoimentos e os elementos visuais.

Título	ECOS DA RESISTÊNCIA: Registros do movimento de resistência em Araraquara durante o Golpe Militar de 1964
Roteiro	Alanis Cristina dos Santos, Gabriel Brito de Souza, Gabriela Avelino Siqueira da Silva
Edição	Alanis Cristina dos Santos, Fernando Bafi, Gabriel Brito de Souza, Gabriela Avelino Siqueira da Silva
Duração	00:20:00
Acessibilidade	Adicionar legenda
Banco de mídias	Google Drive Compartilhado: TCC - Ecos da Resistência
Legenda	Transição de personagem Entrevista Bovo Entrevista Carneseca Entrevista Luiz GC (Textos escritos)

Trilha sonora	Minutagem e transcrição	Efeitos visuais	Imagem de apoio
Roda-Viva (instrumental)	Ecos da resistência	Fazer efeito visual do mapa do Estado de SP, destacando depois a cidade de Araraquara	
Roda-Viva (instrumental)	60 anos após o fim da ditadura militar este documentário trará os frutos da resistência	Vamos trazer o texto na tela como	

	que ainda ecoam no Brasil. Foram 21 anos de regime autoritário. 5 mandatos militares. 16 atos institucionais. E um número incontável de vítimas mortas, presas ou desaparecidas. As histórias da ditadura militar costumam ser centradas nos grandes centros urbanos. Hoje, trazemos uma nova perspectiva: Araraquara, no interior paulista. Essas histórias tiveram um papel importante na resistência democrática, e a partir de agora estão registradas e prontas para serem ouvidas.	máquina de escrever e vamos dar foco, isolando talvez, as partes em negrito	
Roda-Viva (instrumental)	José Murari Bovo Militante preso no XXX Congresso da UNE, sociólogo e professor da Unesp		Print da entrevista (Câmera 1)

Roda-Viva (instrumental)	Domingos Carnesecca Netto Militante no Congresso de Reconstrução da UNE (1979) e o primeiro vereador pelo PT (1983 e 1989) em Araraquara		Print da entrevista (Câmera 1)
Roda-Viva (instrumental)	Luiz Armando Garlippe Sobrinho de Luísa Augusta Garlippe, a última guerrilheira morta no Araguaia entre 1973-1975		Print da entrevista (Câmera 1)
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	*1963 - 1968*	Tela de transição: 1964 - 1968 (Mantendo efeito visual de época) Entrevista Bovo (minuta- gens de acordo com a câm 1)	
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 03:18 - 04:18 Trecho 1: 3:18 - 3:26 Texto: A minha militância no movimento estudantil, na verdade, começou anos quando estava		

	no colegial em Jaboticabal, Trecho 2: 3:34 - 3:50 Texto:63. Foi o ano que eu entrei na juventude estudantil católica. Aqui é o movimento de Ação Católica que tinha uma preocupação social, política e social. Trecho 3: 3:56 - 4:14 Texto: e a gente fazia um trabalho junto aos colegas. Não todo mundo do colégio, justamente nesse sentido de abrir a discussão sobre a desigualdade social no Brasil e a necessidade de lutar contra isso.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 06:46 - 07:12 Texto: do dia seguinte do golpe, eu estava no cinema quando foram me avisar e as polícias estavam indo na casa das pessoas, procurando o tal de material subversivo. Jornais, livros. Eu peguei, saí do cinema, fui para minha casa e eu cheguei em casa da minha mãe,		

	das irmãs, queimando minhas coisas. Fui queimando as provas.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 05:34 - 06:32 Texto: e em 64, quando teve o golpe militar, eu estava fazendo tiro de guerra. Nessa época eu era reservista do tiro, de virar e houve lá em Jaboticabal mesmo, filmar a Polícia Civil prendendo algumas pessoas e eu era um dos visados. Só que não, não me prenderam porque eu estava fazendo tiro de guerra e o tenente que comandava o Tiro de Guerra era uma pessoa bastante aberta e ele não permitiu que me prendesse. Ele deu uma desculpa a Polícia Civil que eu estava. Eu estava cumprindo um castigo e eu tinha que fazer guarda uma semana. Eu boleei uma semana, um tiro de guerra para evitar que me prendessem.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 7:25 - 7:36 Texto: Em 66 eu prestei vestibular na Faculdade de		WhatsApp Image 2024-11-11 at 11.50.21.jpeg Bovo no time de calouros da FCLar. WhatsApp Image 2024-11-11 at 11.50.21 (1).jpeg

	Filosofia, Ciências e Letras. Não era bem assim. Eu ainda cursei Sociais		
			Bovo em sua colação de graus em 1969.
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 7:44 - 7:49 Texto: também comecei a fazer o movimento estudantil universitário.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41 Trecho 1: 8:05 - 8:17 Texto: em 68 eu fui eleito presidente acadêmico. E foi nessa condição que eu fui pro congresso da UNE em Ibiúna	Exibir foto de 8:15 a 8:17 (se possível as duas, mas se ficar muito rápido ou ruim, pode manter só a “manchete 2”	manchete1.jpg manchete2.jpg Legenda foto: O XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi realizado clandestinamente em 1968, em Ibiúna, no interior de São Paulo.
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41 Trecho 2: 8:26 - 8:36 Texto: Uma situação bastante complicada, porque quando organizaram um congresso, a UNE organizou o Congresso.	Exibir a partir de 8:26 e dar tempo de leitura	sitio-4.jpg Legenda foto: Sítio Murundu, local escolhido para sediar o Congresso.
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41 Trecho 3: 8:37 - 8:54	Dar tempo de leitura	TRAVASSOS - WLADIMIR PALMEIRA E ZÉ DIRCEU - Cópia - Cópia.jpeg Legenda foto:

	Texto: Na época, o presidente era Luís Travassos e ele queria fazer o Congresso do CRUSP em São Paulo ou num dia de aula na USP, aberto. E a maioria do colegiado dava o uso da UNE e resolveu fazer um muro escondido,		Luís Travassos (presidente da UNE), Vladimir Palmeira (líder da Passeata dos 100 mil e presidente da UMES) e José Dirceu (presidente da UEE).
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41 Trecho 4: 8:54 - 9:05 Texto: escondido ou se esconder 1000 pessoas e já foi 700 pessoas. É difícil. Transitando naquela região, a situação é difícil.	Dar tempo de leitura	147848_2.jpg Legenda foto: Local escolhido como refeitório. DORMITÓRIO.jpg Legenda foto: Dormitório e local onde seriam realizadas as reuniões.
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41 Trecho 5: 9:06 - 9:25 Texto: Tanto é que quando nós fomos para lá, fomos em três. Agora nós fomos para lá. A gente teve que parar antes de chegar ao local na fazenda. Ela teve que parar porque a polícia estava passando na estrada, batido, dormiu no meio do mato antes de chegar.	Pode exibir só com um tempo suficiente pra visualização de cada uma	download (4).jpg 4.jpg UNE.jpg
Pra não dizer que não falei das flores	Minutagem entrevista: 08:05 - 09:41		

(Instrumental)	Trecho 6: 9:25 - 9:25 Texto: Você é complicado, mais enfim, vocês só que a gente foi, todo mundo foi preso lá e é essa questão aí o movimento ficou um pouco acéfalo, porque todo mundo preso poderia usar a liderança, foi preso.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 11:16 - 11:58 Texto: Aí depois, depois da depois da prisão, lá no Congresso, a gente ficou presa uma semana, eu fiquei preso uma semana e aí rodou solto. Quando ocorreu a prisão lá no Congresso, o pessoal aqui agora tomou a faculdade lá como protesto, e aí então isso ajudou bastante na conscientização do pessoal do que estava acontecendo no país da ditadura, que crescia. E depois de 60 e 08h38, a coisa ficou feia com o AI 5	Exibir a partir de 11:20v e só com um tempo suficiente pra visualização de cada uma	0004.jpg DOPS - FOTO (2020_08_16_14_56_30 UTC) - Cópia_page-0003.jpg
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 38:26 - 39:51 Trecho 1: 38:26 - 38:51 Texto: O pessoal só porque foi levado para o Presídio	Exibir em seguida ou da maneira que achar que encaixa melhor na fala, consideran	BR SPAPESP DEOPSSPOSFTEXSN B003486 (2020_08_16_13_56_03 UTC) - Cópia_page-0001.jpg BR SPAPESP DEOPSSPOSFTEXSN B003486 (2020_08_16_13_56_03 UTC) - Cópia_page-0002.jpg

	Tiradentes. Eu não lembro quantas pessoas vieram de São Paulo, mas era bastante gente. O presídio comum, sem nenhuma condições de abrigar muitos parentes, muito precário aqui. Depois a gente ficou longe. Ficamos uns dois dias no Tiradentes, depois somos transferidos lá pro Carandiru	do que as pessoas podem ler o que o documento mostra. (O último arquivo é o pdf completo)	BR SPAPESP DEOPSSPOSFTEXSN B003486 (2020 08 16 13 56 03 UTC) - Cópia.pdf
	Minutagem entrevista: 38:26 - 39:51 Trecho 2: 39:01 - 39:08 Texto: e a gente do Dentro. Dentro do dentro do Carandiru a gente fazia pressão, a gente se sentava dos corredores da academia de advogado		
	Minutagem entrevista: 38:26 - 39:51 Trecho 3: 39:13 - 39:26 Texto: e era algo complicado, apurado pelos dirigentes do presídio, porque tinha presos junto a gente estava num andar isolado, mas vinha dos outros andares, tinha presos comum		
	Minutagem entrevista:		

	38:26 - 39:51 Trecho 4: 39:31 - 39:43 Texto:Então foi por isso que a pessoa no Carandiru apressou a nossa saída. Foi prestar depoimento e, depois de libertado, muita pressão lá dentro		
	Minutagem entrevista: 38:26 - 39:51 Trecho 5: 39:45 - 39:53 Texto: e o medo era que isso, isso passasse para os presos comuns. Olha, podia concluir, podia complicar		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 39:58 - 40:53 Trecho 1: 39:58 - 40:23 Texto: e uma coisa que eu me lembro que foi muito discutida lá, quando a gente foi prestar depoimento no Carandiru, onde discutia muito isso. Bom, o que nós vamos dizer no depoimento que nós estávamos no congresso da UNE, o que saúde e outra atividade, porque fizemos o Congresso da UNE era de segurança nacional.		

Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 39:58 - 40:53 Trecho 2: 40:29 - 40:43 Texto: Alguns optaram por não dizer, outros optaram por dizer eu quero saber o que eu disse. E eu disse que tal eu congresso da UNE		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 39:58 - 40:53 Trecho 2: 40:49 - 40:53 Texto: Por isso me chamaram de Filho comunista		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 09:47 - 10:42 Trecho 1: 9:47 - 9:54 Texto: Indo pro Ponto. O que vocês interessa para vocês? A gente teve muita dificuldade, porque no interior foi só no interior.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 09:47 - 10:42 Trecho 2: 9:59 - 10:21 Texto: Então que a gente, como é que a gente podia superar isto? Trazendo a liderança de São Paulo, procurou trazer os líderes do		

	movimento para vir aqui, reunir com a gente, conversar. Ai veio no fim da ditadura. E como é que é que faz com a orientação? Para onde vamos, né?		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 09:47 - 10:42 Trecho 3: 10:25 - 10:43 Texto: E realmente a gente conseguiu trazer vários outros, Tipo, a partir da UNE a gente conseguiu trazer o Travassos, que veio aqui de uma vez para conversar, algumas pessoas que vieram aqui para ajudar a gente		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 16:07 - 17:39 Trecho 1: 16:07 - 16:17 Texto: a gente tinha um pouco de receio com isso, não tinha internamente uma ordem de censura de dentro da faculdade, não tinha esse problema. Se eu tive problema fora da faculdade,		
	Minutagem entrevista: 16:07 - 17:39		

	Trecho 2: 16:20 - 16:27 Texto: quando eu retornei do governo do povo, eu estudei lá do Congresso, eu fui libertado, cheguei e cheguei aqui de Araraquara		
	Minutagem entrevista: 16:07 - 17:39 Trecho 3: 16:37 - 16:42 Texto: no dia seguinte tinham a polícia me seguindo, onde eu iria me seguindo.		
	Minutagem entrevista: 16:07 - 17:39 Trecho 4: 16:44 - 17:08 Texto: Até a pessoal ficou com um pouco de receio de dizer o porquê. Aí me puseram dois guardas à porta dos meus trajetos, da minha casa, da faculdade para casa e tinha esse tipo de pessoa. Mas não, claro que não era igual, como por exemplo São Paulo e São Paulo. E era igual. Evidente que a repressão era muito forte,		

	Minutagem entrevista: 16:07 - 17:39 Trecho 5: 17:14 - 17:40 Texto: da minha classe tinha um a tenente da Força Militar, da Polícia Militar. Ele fazia os responsáveis por sua tropa e era e era da área de dirigir da polícia e estava lá para justamente fiscalizar e obter informações.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 34:42 - 35:55 Trecho 1: 34:42 - 35:26 Texto: a repressão muito forte e a falta de vida, de liderança por ser do interior, você não tinha. Só era complicado. Quando você estava solto, estava em liberdade, Liderança fora do país era complicado, muito complicado dar uma direção do movimento e fazer o que, né? E aí começou aquele, aquele momento onde da luta armada, da guerrilha, do enfrentamento armado, dos grupos armados com a polícia. Então, esse estilo, este era engajamento difícil, muito difícil		

Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 34:42 - 35:55 Trecho 2: 35:31 - 35:41 Texto: a única alternativa que tinha não está ultrapassada. Mas aí eu passo muito grande. É complicado, complexo, muito complexo.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 34:42 - 35:55 Trecho 3: 35:45 - 35:47 Texto: E hoje em dia a gente fazer isso.		
Pra não dizer que não falei das flores (Instrumental)	Minutagem entrevista: 34:42 - 35:55 Trecho 4: 35:50 - 35:55 Texto: Então que rodízio aí, cuida lá da vida, vou fazer o que, né?		
Como nossos pais (instrumental)	*1968 -1979*	Tela de transição: 1968 -1972 (Mantendo efeito visual de época) Entrevista Carneseca	
Como nossos pais (instrumental)	Minutagem entrevista: 14:25 - 17:40	Pasta: <15/08> <Câmera 1> <Parte	

	Trecho 1: 14:25 - 15:35 Texto: no começo da minha militância nos anos 70, a gente tinha muita preocupação com a polícia. Haverá porrada, borrachada ou não? Vão nos prender ou não? Então a gente era muito cuidadoso nas manifestações, nos protestos, as reuniões eram mais um pouco mais filtradas, com menos gente pra pra organizar, etc e tal né. Depois já passou essa fase, passou mesmo ainda havendo o final da ditadura governo Figueiredo ainda continuando, as coisas já eram mais abertas né. Mas durante todo o período nós tínhamos policiais que se infiltravam na faculdade, e infelizmente eles eram muito reconhecidos, porque eles eram fugiam totalmente do tipo do estudante ou do professor. Então eram pessoas que se identificava [...] Trecho 2: 16:38 - 17:40 Texto: <começar em “mas a	2> <MVI_044 8>	
--	--	--	--

	preparação era assim” e ir até “era quase que conflito garantido nos anos 70”> 1 minuto e 20 segundos		
Como nossos pais (instrumental)	Minutagem entrevista: 00:16 - 02:55 Trecho 1: 00:16 - 00:56 Texto: <começar em “até hoje eu tenho essa cena” e ir até “tinha gente condenada à morte”> 40 segundos Trecho 1: 01:13 - 02:55 Texto: <começar em “aí a polícia começou a nos caçar” e ir até “ficou uma coisa meio traumática né”> 1 minuto e 42 segundos	Pasta: <15/08> <Câmera 1> <Parte 2> <MVI_0450>	
Como nossos pais (instrumental)	Minutagem entrevista: 03:10 - 07:55 Trecho 1: 03:10 - 03:41 Texto: <começar em “então a partir dos anos 77” e ir até “que tivesse menos festa e mais reivindicação”> 31 segundos Trecho 2: 04:12 - 05:25 Texto: <começar em “e depois teve o ENE na PUC” e ir até “congresso de reconstrução da	Pasta: <15/08> <Câmera 1> <Parte 2> <MVI_0449>	

	UNE> 1 minuto e 13 segundos Trecho 3: 07:02 - 07:55 Texto: <começar em “e lá tinha muita gente” e ir até “juntou com gente do Brasil inteiro> 53 segundos		
O que será (instrumental)	*1967 – 1974*	Tela de transição: 1974 - 1975 (Mantendo efeito visual de época) Entrevista Luiz (minutagens de acordo com a câm 1)	
O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 03:03 - 03:20 Texto: Bom, eu me chamo Luís Fernando Garlippe, sou sobrinho da Tuta Garlippe. Tuta que na guerrilha e na ditadura era chamada de Tuca, mas pra família ela sempre foi Tuta. Luiza Augusta Garlippe		
O que será (instrumental)	Luiza Augusta Garlippe, mais conhecida como Tuta, nasceu em Araraquara em 16 de outubro de 1941.		002-foto_luisa.jpg

O que será (instrumental)	Ela fez o ensino médio na cidade e aos 19 anos foi para a capital para estudar enfermagem. Se formou na Universidade do Estado de São Paulo (USP) e em 1964, foi trabalhar no Hospital das Clínicas e chegou a ser enfermeira-chefe do Departamento de Doenças Tropicais.		ABAP-10.jpg
O que será (instrumental)	Desde nova, Luiza já era politicamente ativa e militava pelo PCdoB, onde ganhou uma pequena modificação em seu apelido, de Tuta para Tuca.		ABAP-9.jpg
O que será (instrumental)	Com seu companheiro Pedro Alexandrino Filho, Tuca foi para a guerrilha do Araguaia, onde atuou com cuidados médicos para os guerrilheiros e moradores da região.		ABAP-11.jpg
O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 05:15 - 05:46 Texto: A partir de então, ela estava só se comunicando realmente por cartas, porque a vinda da presença física pra ela, para a cidade, ficou perigoso para ela.		

	Então, assim ela corria risco de vida, se ela viesse pra cá. E aí o meu tio Saulo também, que foi morar em São Paulo, ficou na mesma situação, e aí a comunicação realmente ficou mais por cartas escritas com a família.		
O que será (instrumental)	Segundo relatório da Comissão da Verdade, Luísa foi vista pela última vez por seus companheiros em 25 de dezembro de 1973, em um acampamento próximo à Serra das Andorinhas, quando houve intenso tiroteio contra eles. No final de 1974, Saulo, seu irmão que também era militante perseguido durante a ditadura, teria sido procurado por um dos colegas do partido que relatou a morte de Tuca.	Usar algum efeito para dar “suspense”, já que essa fala diz sobre a morte dela. Talvez fazer uma pausa mais longa antes de entrar na próxima tela de texto.	v.PNG Luisa_Tuca.jpg
O que será (instrumental)	Sebastião Curió Rodrigues de Moura, mais conhecido como Major Curió, foi um militar (na patente de tenente-coronel da reserva), que atuou na Guerrilha do Araguaia e anos depois confessou ser o assassino de Tuta.		Deputado Sebastiao Curio.jpg

O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 12:23 - 13:50 Texto: Esse personagem é emblemático, o assassino confesso, matou sem dó nem piedade não só ela como a companheira dela também. Essa informação vem de tempos, e dada por ele. A companheira de guerrilha na época, que era a Dina, e o que fica? Apesar de você ter a confirmação de que alguém efetivamente assassinou ela, fica um sentimento de revolta, contra uma anistia descabida com relação a assassinos que mataram sem dó nem piedade pessoas do bem. Porque a imagem que foi criada por uma parte da sociedade a favor da ditadura militar, recentemente, é que os guerrilheiros e as pessoas que estavam lutando pela democracia na época, como a minha tia, eram pessoas ruins que estavam pegando em armas para matar os militares. Não é verdade.		
--------------------------------------	--	--	--

	Minha tia, ela foi enfermeira da missão, ela fazia serviços de saúde, ajudava a população ribeirinha, inclusive fez muitos partos lá e com a morte do médico que chefiava a campanha deles, ela assumiu inteiramente a equipe médica para ajudar, não só os guerrilheiros, mas também a população local.		
O que será (instrumental)	Em entrevista dada à Revista Playboy de dezembro de 2006, o tenente-coronel Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió, afirmou ter assassinado a guerrilheira Luiza Augusta Garlippe.	Aproximar e dar foco para o trecho da confissão	Reportagem curio playboy.pdf
O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 28:33 - 29:09 Texto: Quem perde uma pessoa dessa maneira, que na verdade não perde. Se você não tem uma confirmação da morte, se não vê o corpo, você não passa por um processo de luto natural. Inclusive até tinha a conversa de que ela não tinha morrido,		

	estava ainda sumida ou se escondendo mesmo depois da Guerrilha, que é uma coisa que ninguém sabe o que aconteceu, ninguém sabia, apesar da gente deduzir. Mas é uma sensação muito ruim né, é o que relata minha vó, também falecida, a sensação é horrível, né? De se sentir.		
O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 22:15 - 22:51 Texto: Eu acho que esse paradigma de que inclusive isso foi dito até mesmo por mim, que os focos principais da repressão militar estavam nas capitais. Mas as pessoas que estavam lutando contra a ditadura, nas capitais, eram do interior, eram no interior de São Paulo. Então, a Tuta era do interior de São Paulo. Ela foi uma combatente que teve que pegar em armas na Guerrilha do Araguaia, mas ela era uma araraquarense antes de tudo.		

O que será (instrumental)	OFF	Deixar o rosto dela destacado	desaparecidos politicos.png
O que será (instrumental)	Minutagem entrevista: 10:36 - 11:30 Texto: É um misto de orgulho e também tristeza por perder uma pessoa, claro, da família, mas mais de orgulho, porque se não fossem essas pessoas, e a minha tia, uma delas, e a gente não estaria vivendo hoje no país livre, apesar de estar correndo risco, assim como outras democracias do mundo. Muito orgulho de fazer parte e de ter vínculo com uma pessoa que morreu pelos ideais democráticos e morreu assassinada. Então eu acho que isso para nós, para família, e deveria ser para todos os brasileiros que prezam pela liberdade, que a liberdade verdadeira é a democracia, mas não é o que dizem. A liberdade e a democracia a gente não pode trocar nunca nada por isso, apesar de seus efeitos, é o		

	melhor modelo que existe, né? Mas assim, a sensação é de orgulho.		
Apesar de você	1985 - 2024	Tela de transição: 1985 - 2024 (Mantendo efeito visual de época)	
Apesar de você	Minutagem entrevista Bovo 58:46 - 59:32 Texto: eu acho que curto do governo o arranjo político que permita colocar tudo isso em todas as questões de pautas, porque os atos dos políticos são feitos sempre por cima, porque no Brasil é só a elite que vai dar de políticos, ou como alguns políticos colocou, como os empresários e o arranjo político sempre feito por cima. Isso o povo sempre fica esquecido disso, não participa da aula de política, é contra os arranjos políticos. Se continuar desse jeito, vai ficar assim, infelizmente vai ficar assim.		Colagem com as fotos da pasta Encerramento
Apesar de você	Minutagem entrevista Bovo		Colagem com as fotos da pasta Encerramento

	01:01:48 - 01:02:00 Texto: é outro mundo que não tem e não tem essa memória. Poucas pessoas tem. Então pelo fato com a memória, pouca pessoas infelizmente		
Apesar de você	Minutagem entrevista: 54:24 - 01:07:22 Trecho 1: 54:24 - 54:42 55:29 - 55:40 01:02:12 - 01:02:38 01:04:46 - 01:07:22 Texto: <transcrição>	Pasta: <04/10> <Câmera 1> <MVI_0450>	Colagem com as fotos da pasta Encerramento
Apesar de você	Minutagem entrevista Luiz 19:42 - 20:48 Texto: Então eu acho que de tudo isso, a ditadura, eu ia falar pra esquecer ela, mas a gente não pode esquecer. Eu acho que ela tem que ser lembrada, e ser lembrada pela verdade, a verdade, os fatos que estão documentados pelos próprios algozes, os próprios militares, as próprias pessoas que executaram dezenas de centenas de pessoas, não sei ao certo o número, enterraram em cemitérios clandestinos pessoas do bem, pessoas que		Colagem com as fotos da pasta Encerramento

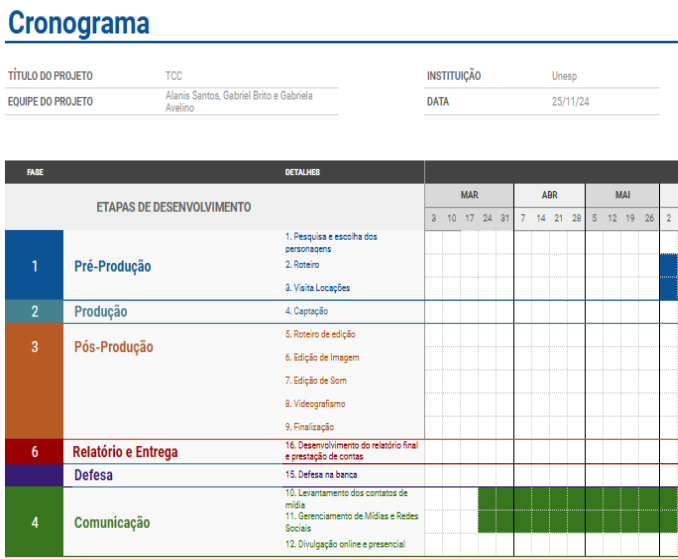
	queriam ver seus filhos, filhas, netos, etc. E viver numa sociedade livre, uma sociedade em que você tivesse a liberdade de escolher quem é que iria governar o país, também não nós. Então eu acho que esse é o principal legado. Não esquecer a ditadura, repudiar a ditadura, né? E qualquer menção positiva chega a ser falta de caráter de quem profere. Então essa mensagem que eu tenho que deixar.		
Apesar de você	Este documentário presta homenagem e solidariedade a todas as vítimas e familiares que passaram por este período de repressão e violência da nossa história. Agradecemos aos convidados que, com coragem e generosidade, aceitaram revisitar essas memórias. Suas vozes mantêm viva a resistência e inspiram a memória coletiva. Em especial, esta produção é uma homenagem a Tuta		

	Garlippe, enfermeira, filha, irmã e tia, sua trajetória escreve a história do Brasil e de Araraquara.		
Apesar de você	Créditos: Direção, Produção e Roteiro: Alanis Santos, Gabriel Brito, Gabriela Avelino Cinematografia/Fotografia: Arquivo Nacional, Gabriel Brito, Gabriela Avelino Edições Audiovisuais: Fernando Bafi Direção de Arte: Alanis Santos, Fernando Bafi, Gabriel Brito, Gabriela Avelino Trilha Sonora: Roda Viva - Chico Buarque Pra não dizer que não falei das flores - Geraldo Vandré Como nossos pais - Elis Regina O que será - Chico Buarque e Milton Nascimento Apesar de você - Chico Buarque Agradecimentos Especiais: Domingos Carnesecca Netto, José Murari Bovo, Luiz Armando Garlippe Apoio e Realização: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita	Subir créditos um embaixo do outro	

	Filho", Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação e Design - Câmpus de Bauru, Departamento de Comunicação Social, Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão - Câmpus Araraquara In Memoriam: Luísa Augusta Garlippe		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

8.3 CRONOGRAMA



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024

9. ANEXOS

9.1 BANCO DE IMAGENS

Arquivo Nacional/Materiais fornecidos em entrevista – José Murari Bovo:



inquérito policial, instaurado no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, em 1964, quando os setores de segurança, do movimento revolucionário de abril de 1964, a invadiram e apreenderam farte material subversivo, realizando várias prisões de elementos filo-comunistas. — (filo-comunistas). —

Em 29.7.74 requereu um atestado de seus antecedentes policiais sociais. —. Declarou residir á R. Américo Brasileiro 10- Araraquara-, RG 3.782.906.

B O V O - JOSÉ MURARI.

SN 3986

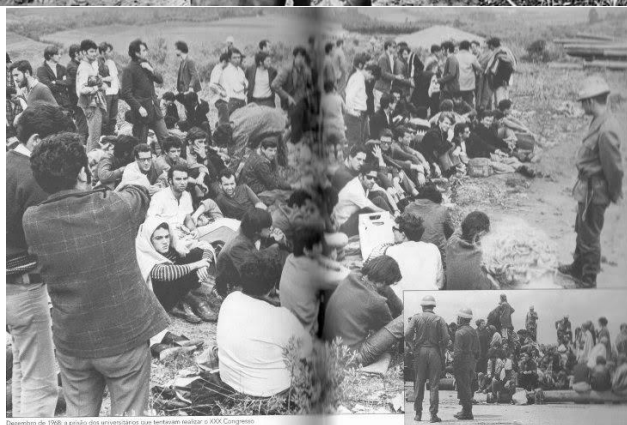
residência:- Avenida Cristóvão Colombo, 396- Araraquara;-

Qualificação: - brasileira, natural de Jaboticabal, Est. de S. Paulo, solteiro, nascido em 3 de março de 1945, filho de Armando Beve e Antonia Lopes Beve, estudante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara.-

ASSUNTO:-

Em 12 de outubro de 1968, juntamente com outros - 694 estudantes, foi indiciado em inquérito policial por participar do XXXº Congresso da extinta U.N.E. - em Ibiúna, por infração à Lei de Segurança Nacional. Essa entidade, anteriormente, foi extinta por Decreto-Lei Federal, em virtude de seguir as orientações do Partido Comunista Brasileiro e em sua direção, a maioria dos integrantes pertenceram às fileiras do Partido Comunista Brasileiro, como ficou provado no



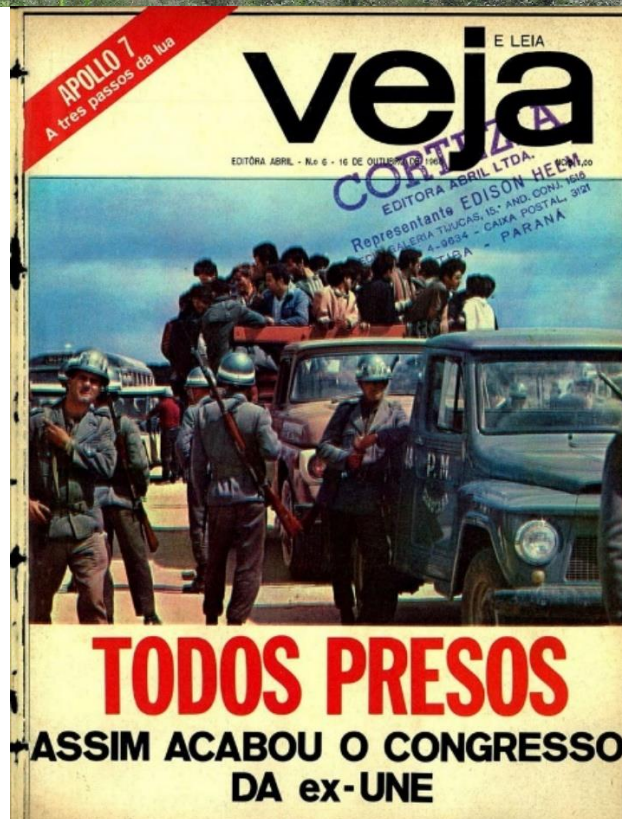


Dezembro de 1968: a prisão dos universitários que tentavam realizar o 1000º Congresso da UPM em Ilheus (DF) foi o ponto de partida do movimento estudantil.





O sítio está localizado em um vale cercado de colinas (murundus)



Arquivo Nacional/Materiais fornecidos em entrevista – Domingos Carnesecca Netto:



PRESTACÃO DE CONTAS DA GESTÃO TIJOLO COM TIJOLO - DAJA/84.

No mês de maio/84 fomos eleitos para a Diretoria do DAJA. Encontramos uma entidade totalmente desarticulada e desacreditada perante os estudantes do IICSE. Enfrentamos o desafio e transformamos a nossa entidade. Fizemos uma reforma na Sede do DAJA, ampliando o seu espaço físico. Recuperamos as mesas de jogos que encontravam-se "jogadas", colocando-as à disposição dos alunos. Com a aparelhagem de som fizemos o mesmo, consentando o que estava quebrado (amplificador e caixas) e recuperando o que estava abandonado (toca-discos), além de adquirirmos um aparelho de TV branco e preto usado.

Legalizamos o DAJA perante a Congregação do IICSE, possibilitando a partir de agora participarmos dos Órgãos Colegiados, e estamos em processo de legalização também perante a sociedade civil, com o registro do DAJA em Cartório, inscriçao no CCZ... Desta maneira estaremos aptos a receber, nos próximos dias, uma verba de R\$ 700 mil da Reitoria da UNESP, verba esta conseguida por nossa Diretoria e que será destinada a compra de uma mesa de snooker e materiais de consumo (papel) para o DAJA.

Como todos sabem, a principal receita do DAJA é a anuidade paga por calouros e veteranos, no entanto neste ano de 1984 poucas pessoas contribuíram para com a entidade, pois o seu estado era de um tal abandono, que poucos se sentiam "a fim" de colaborar. Durante a nossa gestão alguns alunos nos procuraram para efetuar este pagamento, o que é inédito e demonstra o reconhecimento ao nosso trabalho.

Desde que disputamos as eleições do DAJA, em maio, e vencemos, esta - nos sofrendo constantes ataques de partidários da entidade. Nunca escondemos, e nem temos porquê, a preferência política de cada membro da Diretoria, aliás, um direito de todo cidadão. No entanto, nunca fizemos, e nem transformamos o DAJA em "aparelho" de partido, como já tentaram fazer outras concorrentes e gestões. Esta nossa situação, sem dúvida, foi constatada por todos, e não ser por aqueles que, sem assumir de público as suas proclamações, insistem eternamente nesta tese.

Vejamos os cinco meses de nossa gestão:

O Departamento Cultural realizou Show com o Grupo "Águas Cristalinas" (no mês de junho), voltou a editar a Revista "CENTELHA" de Poesia (desde 1980 sem sair), realizou o IV Concurso de Cantos (cuja premiação se fará no dia 06/11), e regularmente adquiriu a "Folha de São Paulo", "Veja", "Passeio" e jornais da imprensa alternativa que foram colocados a disposição de todos na sala de leitura do DAJA.

O Departamento de Imprensa continuou editando o jornal "CARNAZ" (lançamos o nº 4 e no dia 30/10 sai o nº 5), "boletins Informativos da Diretoria do DAJA", no dia 05/11 sairá o "Caderno de Debates nº 1"...

O Departamento Esportivo organizou o 1º Campeonato de Futebol Mini - Campo "Inter-Paralelas" e coordenou a nossa participação do Inter-Fac. Adquirimos um jogo de camisa para a equipe de basquetebol.

O Departamento Social realizou a Festa Junina, cuja renda foi revertida, parte para o DAJA e parte para diversas comissões de formatura e centrinhos. Promovemos também a brincadeira com "Bino Crazy" acompanhado de uma pingada e a Festa dos anos 60.

No tocante a participação na luta da UNESP, o DAJA, com a nossa diretoria a frente, esteve na direção do movimento, contribuindo decisivamente para a vitória parcial, ou seja, a saída de Nunes e a nomeação do Prof. Nagle. O nosso apoio também foi importante para a efetivação do DCE-IB/UNESP.

Por tudo isto, afirmamos que a chapa que vier a ocupar a Diretoria do DAJA encontrará uma entidade estruturada, organizada, legalizada e acreditada perante os alunos. Sem sombra de dúvida, esta Diretoria terá a seu dispor recursos financeiros suficientes para poder realizar muitas promoções. E isto graças a gestão "TIJOLO COM TIJOLO".

Por isso gostaríamos de ver na Diretoria do DAJA colegas que contribuam com as conquistas alcançadas neste ano, e tenham condições de realizar uma excelente gestão à frente da nossa entidade.

A chapa que reúne estas características, e por isto tem todo o apoio da nossa diretoria, é a chapa "CONTINUAR NA LUTA" para a qual conclamamos o voto de todos.

DIRETORIA DO DAJA - Carnesecca/Silvana/Luciano/Alberto/Lairton.



últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morto ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

LUIZA AUGUSTA GARLIPPE - Militante do PC do B e guerrilheira no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos humanos, teria sido morta ou desaparecido no Araguaia. Não há dados que comprovem essa versão.

MANUEL JOSE NURCHIS - Militante do PC do B e guerrilheiro no Araguaia. Segundo noticiário da imprensa nos últimos 18 anos e documentos de entidades de defesa dos direitos

CONFIDENCIAL





[illegible]

Arquivo Nacional/Memorial da Democracia:



